

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E POPULARIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A presente edição surgiu com o pretexto de promover o diálogo entre a academia e a sociedade, pois acreditamos que a ciência deve ser acessível e compreensível para todos, e que a divulgação científica é uma ferramenta fundamental para alcançar esse objetivo. Por isso, reunimos artigos e reflexões de diversos autores sobre temas relevantes para a sociedade atual relacionados à educação, literatura, tecnologia, psicologia escolar, manifestações artísticas e cultura, entre outros. Nossa intenção é contribuir para a disseminação do conhecimento científico de forma clara e acessível, estimulando o debate e a reflexão sobre esses temas tão importantes.

Deste modo, o texto “*Cooperação acadêmica internacional e acolhimento: algumas reflexões sobre o bem-receber e o paradigma do dom (e) da hospitalidade*”, de Silvia Garcia Nogueira, fala sobre uma estudante angolana que destaca a importância do afeto na cooperação acadêmica internacional. Longe de casa, a dimensão humana é perdida entre burocracia e protocolos. O paradigma do dom e da hospitalidade ressalta a necessidade de acolhimento emocional. O texto explora como receber bem estudantes estrangeiros, enfatizando afetos e vínculos. O dom da hospitalidade gera conexões duradouras, sucesso educacio-

nal e desenvolvimento mútuo.

Marta Lúcia Cabrera Kfour, assina o texto “*A RAMIN, a Licenciatura e a extensão como contextos universitários de ensino, pesquisa e formação docente em/para PLE na UNESP*”, que aborda a mobilidade global que impulsionou a superdiversidade linguística no Brasil, gerando um mosaico cultural. O Projeto PLE da UNESP acolhe migrantes com cursos de língua e cultura, promovendo formação docente e pesquisa. A RAMIN, Rede Temática de Atenção ao Migrante Internacional, amplia essa abordagem, oferecendo apoio psicossocial, jurídico e linguístico-cultural aos migrantes. A formação para o ensino de PLE é essencial diante desses desafios multiculturais, exigindo engajamento das universidades para uma formação docente completa e eficaz.

Em “*As marcas da tortura sou eu*”: *Dilma Rousseff e sua participação na resistência à ditadura civil militar*”, Elizabeth Christina de Andrade Lima fala sobre a imagem pública de Dilma Rousseff revela sua militância na luta contra a ditadura no Brasil. Ela enfrentou tortura e perseguição, mas se tornou presidente. Sua história destaca o protagonismo feminino na política, desafiando padrões. O texto explora seu passado, resiliência e força em meio a adversidades, destacando sua coragem.

No texto “*As mãos no cinema: uma breve jornada da mais antiga ferramenta humana*”, de Ronny Diogenes de Menezes e Fábio Marques de Souza, filmes clássicos exploram mãos estranhas e poderosas: uma mão com formigas, um cartunista acidentado, uma mão possuída. Desde os primeiros filmes, mãos desempenham papéis intensos e simbólicos. Do terror à comédia sombria, cinema usa mãos para emocionar e refletir sobre a humanidade. Mãos na arte revelam medos, desejos e perdas, convidando reflexão sobre a existência humana.

“*O Brasil e o Conselho de Segurança da ONU (Organização das Nações Unidas)*” de Carlos Enrique Ruiz Ferreira, disserta de um Brasil que busca assento permanente no Conselho de Segurança da ONU desde 1945. Participou da Conferência de São Francisco, somou na Segunda Guerra. Deu ênfase na diplomacia multilateral. Atuou como membro não permanente 10 vezes. Conselho de Segurança decide sobre conflitos. Projeto acadêmico analisa papel do Brasil e reforma da ONU. Presidente Lula defende mudança na representatividade e papel da América do Sul no Conselho.

Já no texto “*Elis Regina, a síntese da MPB?*”, Débora Helen de Oliveira lembra de Elis Regina, icônica cantora brasileira, que – em sua visão - representa a síntese da MPB. Sua trajetória inclui o programa ‘Fino da Bossa’ nos anos 60, refletindo

engajamento social e político. Sua performance incorpora dramaticidade, ironia e resistência. O canto feminino é crucial, com influência de artistas como Ângela Maria. Elis Regina é a voz marcante que personifica a evolução da música popular brasileira.

A seguir, o texto *“Como ensinar uma geração que vive hiperconectada?”*, de autoria de Jean Carlos da Silva Monteiro, conversa a respeito da educação do século 21 e suas mudanças devido à internet e às tecnologias de informação. A Geração Hiperconectada, imersa na hipermodernidade, busca aprendizado por meio da interatividade e recursos digitais. Professores enfrentam o desafio de usar tecnologias para ensinar habilidades cognitivas e incentivar o aprendizado colaborativo. Novos modelos de ensino surgem para atender alunos hiperconectados, usando dispositivos como smartphones.

Posteriormente, o texto *“A literatura oitocentista de autoria feminina como objeto de leitura literária: provocações para a educação básica e o ensino superior”*, de Marcelo Medeiros da Silva, aponta que no curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, percebe-se a falta de conhecimento dos alunos sobre a literatura brasileira, especialmente a escrita por mulheres do século XIX. A ausência dessas obras no currículo afeta a formação dos futuros professores de literatura. É necessário incluir autoras e suas obras para resgatar uma memória literária feminina, desafiando estereótipos e promovendo a compreensão da cultura e da sociedade da época.

Eumar Pereira Lopes e Jean Carlos da Silva Monteiro, que assinam o texto *“O jogar como instrumento de conscientização ambiental”*, falam que, no mundo atual, inundado de informações, a criatividade é fundamental para alcançar as mentes dos usuários. A educação adota tecnologias, como aplicativos gamificados, para envolver alunos de maneira inovadora. Exemplo é o aplicativo *“Protetores do Mangue”*, que ensina sobre preservação dos manguezais de forma interativa, contribuindo para conscientização ambiental e aprendizado significativo.

Em *“Projeto Gelateca, da LetraMar”*, Jacklaine de Almeida Silva fala sobre o Gelateca, projeto idealizado por ex-alunos de Letras da UEPB, que doou bibliotecas em geladeiras para escolas carentes em Campina Grande, Paraíba. Inicialmente focado nas escolas, expandiu para a Feira Central da cidade, promovendo leituras e cultura local. O projeto ganhou reconhecimento e se estendeu para outras instituições, contribuindo para o acesso à literatura e o desenvolvimento cultural na comunidade.

Logo depois, o texto *“Festas Literárias Integradas da Paraíba (FLIPB)”*, também

de Jacklaine de Almeida Silva, descreve a FLIPB, que promove Festas Literárias Integradas na Paraíba, formando cidadãos leitores e valorizando a cultura local. Com equipe voluntária, cada festa foca na leitura e cultura, estimulando a reflexão e participação. As festas ocorrem em cidades diversas, com programação abrangente, e culminam em evento online para compartilhar resultados e fortalecer a comunidade de leitores engajados.

O texto *“Quando a tecnologia se volta em favor da inclusão”*, de Ana Lucia Bezerra dos Santos, tece acerca da necessidade de uma educação inclusiva por meio da tecnologia, especialmente após a pandemia. Destaca a importância das redes públicas de ensino, a promoção da inclusão de estudantes com deficiência, a valorização da diversidade e a superação de preconceitos. Enfatiza a integração das TICs na educação e a necessidade de políticas educacionais para uma inclusão efetiva e abrangente.

Na sequência, o texto *“Aff... Escrever, para quê?”*, de autoria de André Monteiro Moraes, questiona *“Já parou para pensar na importância da escrita em sua vida?”* Desde a infância, passando pelos desafios escolares até a comunicação atual, a escrita é como um fio condutor da história. Ela é essencial para a comunicação, desde atividades simples até desenvolver teorias complexas, conectando-nos ao mundo e transmitindo sentimentos e conhecimento.

No texto *“O valor do lúdico para a educação infantil”*, de Maria do Socorro da Silva Cardoso, disserta que Vygotsky ensina que o desenvolvimento cognitivo se dá pela interação social, especialmente na Educação Infantil. A linguagem, pensamento e aprendizado estão interligados desde a infância, onde professores desempenham papel mediador, promovendo atividades lúdicas que auxiliam na absorção de saberes, enriquecendo a cultura e permitindo uma transição suave para diferentes fases de ensino.

Em *“E a cigana analfabeta, lendo a mão de Paulo Freire à luz de Bakhtin, Freire e Vigotski”*, Fábio Marques de Souza e Déborah Letícia Ferreira de Sousa afirmam que Bakhtin, Freire e Vigotski nos inspiram a refletir sobre a interconexão da linguagem, educação e diálogo. A metáfora da cigana lendo a mão de Paulo Freire ilustra a diversidade linguística e cultural. A pedagogia da autonomia de Freire destaca a criação de condições para que os alunos construam conhecimento. A busca pela transformação na educação exige diálogo, reflexão e prática empática.

No texto *“Diálogos d’o círculo de Bakhtin com a linguagem cinematográfica”*, de autoria de Ivo Di Carmargo Jr., Bakhtin nos convida a analisar o cinema sob a óti-

ca de suas teorias. A linguagem social e dialógica do Círculo de Bakhtin se relaciona com o cinema como obra coletiva com vozes diversas. Conceitos como carnavalização e polifonia podem ser aplicados na análise de personagens e enredos. O contexto histórico e cultural influencia a produção e interpretação do cinema. Analisar filmes com a perspectiva bakhtiniana revela conexões entre ficção e sociedade, enriquecendo nossa compreensão da linguagem visual do cinema.

“*A importância da psicologia escolar na vivência cotidiana*”, de Fátima Luzimary Pedrozo Tavares, tece sobre a escola moderna e o importante papel que ela tem de socializar o conhecimento humano acumulado ao longo do tempo. A Psicologia Escolar desempenha um papel importante, aplicando teorias como as de Vygotsky, Wallon e Skinner para criar práticas educacionais efetivas. Ela ajuda a combater a violência no ambiente escolar e a lidar com problemas da sociedade capitalista. A escola de qualidade é essencial para minimizar as mazelas sociais. A psicologia educacional contribui para a formação de indivíduos ativos e produtivos, promovendo uma sociedade mais justa e digna.

Manifestações Artísticas

Após, no texto “*Por que escrevo?*”, Hugo Amaro fala que palavras revelam a busca por sentido na competição cega pelo poder e prazer. A linguagem une, denuncia, questiona, mas é negligenciada na era das imagens. Escrever é resistir, denunciar e repor o essencial. O processo criativo é uma necessidade de sobreviver, expressar dor, revolta e compartilhar. A busca incessante por compreensão e conexão é um apelo contra a superficialidade.

Danilo Costa Nunes Andrade Leite, que assina o texto “*Como destruir uma obra*”, solicita que imaginemos três etapas: a perfeição absoluta da obra de Machado de Assis, um código secreto de interpretação revelado por ele e a leitura completa de suas análises detalhadas. No entanto, a busca por uma compreensão definitiva é estúpida, pois a literatura é uma relação dinâmica entre autor, obra e leitor. O papel ativo da leitura e interpretação é fundamental para conectar o passado e o futuro, reparando o que vemos com olhos frescos.

O texto “*Manifesto felino - O (pós)humano que logo sou: observatório furios@ de uma gato-garota*”, de Elisa Mariana e escrito por Nihal Antônio de Meireiros Nóbrega, propõe uma reflexão sobre a relação entre humanos e animais, especialmente no que diz respeito à animalidade que nos habita. O manifesto aborda a ideia de que os humanos não são superiores aos outros animais e que

é necessário repensar a forma como nos relacionamos com eles. Através da linguagem e da perspectiva de uma gato-garota adolescente, o manifesto busca experimentar novas formas de expressão e comunicação para promover uma maior compreensão e respeito pela diversidade animal.

A seguir, o poema “Solidão”, de autoria de Cristiane Tolomei, aborda o tema da solidão que surge como resultado do conhecimento. A autora descreve uma sensação de isolamento e ausência do outro, representando a figura feminina como alguém que lamenta estar sozinha, imersa em suas próprias reflexões e experiências, enquanto a falta de presença do outro é evidente.

Posteriormente, o poema “Está feito”, de Zé Luiz do Candeeiro, trata da temática da passagem do tempo, das marcas deixadas por experiências significativas e das mudanças que ocorrem na vida de alguém. A alma é comparada a uma terra rachada, sugerindo que a jornada da vida pode ser árida e difícil. A presença de alguém - possivelmente uma pessoa querida que partiu ou se distanciou - é percebida como uma chuva que ocorreu em um período de seca, trazendo alívio e renovação emocional. Mesmo que essa presença tenha ido embora sem deixar palavras, deixou uma marca profunda no eu lírico, representada como uma cicatriz no peito. O poema revela uma sensação de esperança e aceitação diante das incertezas da vida, sugerindo que, embora a pessoa talvez nunca volte, o impacto positivo que ela causou já está consolidado e não pode ser apagado.

Em “Ao homem que eu quis”, o autor Amiel Nassar Rivera conta a história de um protagonista que, embora não tenha nascido mulher, traz consigo a sina que afetou as mulheres de sua família. se apaixona por um homem mais jovem e começa um relacionamento intenso com ele. No entanto, o amante parte repentinamente, deixando apenas um bilhete. O protagonista lida com a perda de forma resignada, mas ainda sente a dor da despedida. O conto explora temas de amor, perda e identidade de gênero de uma forma única e envolvente.

Resenhas

Na sequência, o texto “Cinema e memória de futuro: cenas de uma narrativa à luz de Bakhtin”, Manassés Morais Xavier aborda a relação entre cinema e Teoria Dialógica da Linguagem, explorada nos escritos de Volóchinov, destaca como a palavra é moldada por interações sociais e culturais. O livro ‘A memória de futuro analisada pela linguagem cinematográfica’ de Ivo Di Camargo Junior explora a relação entre Bakhtin e o cinema, analisando filmes como expressões discursivas

que constroem significados através de diálogos verbais e visuais.

No texto “*Entre máscara, espetáculos e ausências: degustando a literatura de Ney Anderson*”, Everton William de Lima Silva descreve um homem busca diversão noturna, encontra um rapaz em um bar, e a narrativa envolve sexo e emoções complexas. A história realista descreve os detalhes da noite e da manhã seguinte, explorando desejos, solidão e culpa. O conto se encerra com uma reviravolta quando o homem entra em uma igreja para celebrar uma missa de sétimo dia.


Carlos Enrique Ruiz Ferreira, que assina o texto “*Pensar e escrever sobre o tempo presente na obra O discurso da política externa brasileira em tempos de Bolsonaro e Araújo*”, explora a análise dos discursos da política externa brasileira sob o governo de Bolsonaro. Utilizando a abordagem de Bakhtin, eles investigam temas como ideologia, religião e negação presentes nos enunciados do presidente e do ministro Ernesto Araújo. A obra destaca a influência desses discursos na sociedade, mostrando como a ideologia bolsonarista se mantém mesmo após o término do governo. A análise profunda revela conexões entre linguagem, política e cultura, oferecendo insights sobre o contexto sociopolítico contemporâneo do Brasil.

Por fim, o texto “*Práticas sociais, cultura e produção de conhecimento em Serviço Social*”, de Fábio Marques de Souza, fala sobre Flávio José Souza Silva, um jovem pesquisador em Serviço Social, brilha com sua inteligência e dedicação. Seu livro “*Cultura e Produção de Conhecimento em Serviço Social*” examina a relação entre cultura e a profissão. Utilizando a Teoria Social Crítica, ele analisa teses de doutorado, expondo influências pós-modernas e conservadoras. Sua pesquisa questiona visões fragmentadas da cultura e oferece *insights* cruciais para compreender a profissão em tempos de crise. Com abordagem crítica e teoria marxiana, o livro se destaca como uma valiosa contribuição para a área, desafiando perspectivas conservadoras e enriquecendo o entendimento sobre cultura e Serviço Social.

Boa leitura!

 **Jean Carlos da Silva Monteiro**

 **Déborah Letícia Ferreira de Sousa**

 <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.244>